

Jovens, Media e Estereótipos. Diário de Campo numa Escola Dita Problemática

RAQUEL PACHECO

UNL FCSH– Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ CIMJ – Centro de Investigação Media e Jornalismo

raquel.pacheco@gmail.com

Resumo:

Este artigo é sobre o livro que publicamos intitulado "Jovens, Media e Estereótipos. Diário de Campo numa Escola Dita Problemática". Utilizamos o cinema como meio para reflexão sobre a violência, cidadania e juventude. Nossa intenção foi tentar perceber através de alguns filmes, por um lado, o movimento que está a acontecer quando o cinema de ficção vai buscar através da temática da realidade de crianças e jovens pobres e excluídos, trazendo a vida destes jovens para o ecrã. Por outro lado, a visão que os jovens têm destes filmes e utilizar o cinema como meio para que eles pudessem se sentir estimulados para externalizar o que pensam, sentem e vêem.

Para entendermos o olhar dos jovens, desenvolvemos uma pesquisa etnográfica, durante 6 meses, e utilizamos como "campo" uma escola secundária situada dentro da zona urbana de Lisboa. O objectivo desta investigação foi perceber como os jovens se vêem e pensam ser vistos pela sociedade (o que inclui o cinema, os media, etc.) da qual fazem parte. Foi utilizado como ferramenta de registo de pesquisa, por parte da autora, um Diário de Bordo retratando o dia a dia na escola.

A filosofia deste trabalho de campo baseia-se na pedagogia dialéctica de Paulo Freire. É através do diálogo problematizante desenvolvido principalmente após a exibição de filmes, nas aulas e nos encontros, de uma maneira geral, que estimulamos o questionamento e a problematização e a partir de questões, opiniões e ideias realizamos um vídeo.

Através da educação *para*, *com* e *sobre* os media, utilizamos conceitos de comunicação, educação e participação, trabalhando temáticas relacionadas ao dia a dia destes jovens. O produto final deste projecto foi um documentário, onde os alunos foram os protagonistas em todas as etapas de realização: da pré produção à finalização.

Palavras-chave:

jovens; media; educação para os media; audiovisual

Iniciando pela Conclusão

Normalmente não temos o hábito de iniciarmos os textos pelas conclusões, mas nada explica e sintetiza melhor um trabalho do que sua conclusão. Assim, optamos por começarmos esta comunicação pela conclusão e deixarmos as páginas seguintes para o trabalho empírico, numa tentativa de falarmos sobre os resultados (pelo menos parciais) da investigação que resultou neste livro.

"A escola pode sustentar o desejo, o sonho e a utopia. Não só das mães como dos alunos e dos professores. Deve ser um lugar que ensine a pensar, e estou sugerindo com isso que

as crianças chegam às escolas e não pensam. Pensar surpreende o pensador. Pensar é transgredir. Pensar é fundamental. A escola pode ensinar também a brincar...

José Outeiral (Jornal "O Globo")

Aproveitamos a citação acima para começarmos esta conclusão a falar da nossa pesquisa etnográfica desenvolvida na escola. A escola ao nosso ver, no âmbito da investigação que temos desenvolvido é o espaço certo para crianças e jovens, e é nela que sentem-se importantes, úteis e activos. Os que já não frequentam-na por qualquer motivo (abandono, marginalidade, trabalho, etc.) são vistos como crianças e jovens à "margem", mas à margem principalmente do saber, que é o que dá asas para desenvolvermos a auto-estima, a criatividade e para sermos seres humanos melhores.

Nesta investigação, principalmente nos depoimentos sobre a escola contidos no filme resultado do trabalho empírico desenvolvido durante esta investigação, os jovens verbalizam a importância de estarem a estudar para serem alguém. Mas ao mesmo tempo deixam claro que a escola não está preparada para eles; ela discrimina, cala, ignora (etc.), desejos, saberes e anula o aluno como sujeito. Por isso achamos tão importante trabalharmos a pedagogia de Paulo Freire, que vai ao encontro de todas essas necessidades dos alunos. Não só os alunos percebem e verbalizam esta situação ao longo desta investigação-acção, mas a própria investigadora trás à tona todo o processo de falta de integração entre alunos-professores-escola-processo educativo.

Mas, como nos fala Outeiral, a escola tem que ser um sítio que ensine a pensar, e quando chegamos na escola com a proposta do projecto esta era a nossa maior intenção, a de ver o quanto os jovens pensavam sobre o cinema, a violência e os media de uma maneira geral. Descobrimos que a escola não está interessada em ensiná-los a tornarem-se sujeitos o que inclui o pensar...

A precariedade do sistema escolar não inviabiliza que os alunos continuem a pensar do mesmo jeito. O que há, é uma guerra entre os que querem os alunos como "cães domados" e os alunos que querem externalizar e validar suas próprias experiências pessoais.

Neste sentido o projecto que desenvolvemos na escola ajudou-os a preencher esta brecha, este vazio deixado pela escola que não ensina a pensar e não respeita o saber pessoal dos alunos. Daí a importância do trabalho que desenvolvemos e acreditamos que o projecto, enquanto durou, tenha preenchido bastante este espaço vazio.

É de fundamental importância que o desenvolvimento de projectos esteja garantido na matriz curricular da escola, observando-se com cuidado o tempo de duração de cada um (períodos muito longos tendem a cansar, assim como algo muito complexo cria um nível de dificuldade tão grande que acaba provocando frustração). Um projecto gera situações de aprendizagem, ao mesmo tempo reais e diversificadas. Favorece, assim, a construção da autonomia e da autodisciplina por meio de situações criadas em sala de aula para reflexão, discussão, tomada de decisão, observância de combinados e críticas em torno do trabalho em andamento, proporcionando ao aluno, ainda, a implementação do seu compromisso com o social, tornando-o sujeito do seu próprio conhecimento.

A escola "fornece" material sobre os jovens para os media. E uma outra conclusão a que chegamos é que os jovens aparecem nos media, na maior parte das vezes, de duas maneiras diferentes (ver capítulo II). Podemos dividir em dois grupos a imagem que os media passam do jovem:

- a) Quando assume uma postura ameaçadora; comete algum tipo de crime ou delinquência. Assuntos que alimentem o mito ou estereótipo da juventude ameaçadora. Normalmente este grupo é composto por jovens pobres, na maioria das vezes não são brancos e são do sexo masculino.
- b) Quando os media querem "vender" ou passar a imagem da juventude como estilo de vida, relacionando-a ao belo, a "eterna juventude", ao prazer e ao

hedonismo. Normalmente este grupo é composto por jovens brancos, de ambos os sexos (mas na maioria das vezes são do sexo feminino), com conotações de jovens saudáveis, de classe média ou ricos.

Podemos também sublinhar que a categoria A está direccionada muito mais para o jovem pobre. Enquanto a categoria B é associada ao jovem de classe média e alta. Observamos também que o jovem têm uma necessidade de sair dos lugares marcados pelo cinema sensacionalista, pelas notícias dos noticiários televisivos, enfim, pelos media de uma maneira geral. Todos têm necessidade de auto-estima, de afirmação, mas nem todos têm condições socio-económicas para corresponder ao que é esperado e esta desigualdade constantemente é descontextualizada pelos media.

Um jovem do projecto dá um depoimento no vídeo onde diz que: *“Uma pessoa que não tem tv a cabo, um carro, gás canalizado (...), não é pessoa”*. O tratamento diferenciado que é dado ao jovem de uma determinada classe social e o que é dado ao que é de outra, produz um processo de mutilação da auto-estima. Acontece uma desvalorização do sujeito, pois este sentindo que não pode corresponder aos valores implícitos socialmente, sente-se inferiorizado. Não é o factor económico que gera a violência, mas a apatia da sociedade (a indiferença), enquanto grupo, em relação aos problemas envolvendo esses jovens vulneráveis.

As pressões exercidas por uma imagem dominante que corresponde a ideia positiva de jovem rico, esperto e feliz, que é constantemente reforçada pelos media, faz parte da sociedade de consumo que vivemos e cria necessidades de posse de objectos, de *status* e de uma aparência que normalmente não corresponde a realidade. As diferenças existentes nas formas de adquirir esses bens de consumos e essa estética “juvenil” acentua a desigualdade e demanda uma recusa da subordinação da “ordem social”, gerando algumas vezes graves problemas sociais, principalmente os que envolvem drogas e violência.

Mas o processo de discussão dos media e de construção de um vídeo, no caso específico deste livro, marcou a consciência da posição social, dos papéis, das diferenças, não só dos jovens mas também do investigador.

É muito difícil que o aluno, de um momento para o outro, comece a ter iniciativa e autonomia, sem ter tido anteriormente a oportunidade de decidir, escolher, opinar, criticar, dizer o que pensa e sente. A inserção das culturas juvenis nas discussões em sala de aula e em fóruns específicos da escola, aliada ao desenvolvimento de projectos curriculares, estará (re) significando o espaço escolar, intensificando a reflexão e a crítica, além de promover aprendizagem

Muitos são os exemplos de projectos com jovens que deram certo e foram incorporados como políticas públicas, mas esse é um caminho longo e penoso que principalmente as ONGs (Organizações Não Governamentais) percorrem no intuito de dar visibilidade aos projectos que dão certo no âmbito do direito de crianças e jovens. Actualmente, as ONGs trabalham de forma complementar, mas é fundamental a existência de políticas públicas, principalmente dentro da própria escola.

Todo trabalho que envolve a reflexão, a comunicação, educação e participação do jovem auxilia como ferramenta para o fortalecimento da sua personalidade, estimulando qualidades, cooperação, envolvimento e consequentemente ajuda na construção da auto-estima. No caso específico deste projecto os dados nos levam exactamente a essas conclusões. Os jovens que participaram neste trabalho sentiram-se privilegiados, especiais, desenvolveram e aumentaram capacidades que geraram um aumento na auto-estima, no poder de comunicação, de integração, etc.

Percebemos ainda, através desta dissertação, a existência de diferentes **culturas juvenis**. Quando conceituamos desta maneira a cultura própria desta fase da vida que chamamos juventude, quando deixamos de lado a ideia da existência de apenas uma cultura juvenil, percebemos que plural também se torna as possibilidades para a realidade dos jovens. Com o conceito de culturas juvenis diminuímos os estereótipos e consequentemente os

preconceitos, enxergamos as diversidades entre as diferentes culturas que permeiam a juventude.

Os filmes que trabalhamos e as discussões sobre os media que tivemos, nos levou a acreditar que a cultura juvenil, quando pensada e mostrada no seu conceito singular, causa graves problemas, equívocos e constrangimentos, principalmente para o próprio jovem. Os media há muito são responsáveis por boa quantidade de equívocos mundiais. Respalhada no positivismo vem se limitando a publicar os factos, numa tentativa inútil de se manter isenta desses mesmos factos, acreditando que se possa alcançar esse objectivo.

Esta foi uma investigação desenvolvida em apenas uma escola portuguesa, com um grupo de apenas 17 alunos, onde o olhar da investigadora corresponde as experiências por ela vivida. Outras experiências terão outros olhares; outros alunos, outra escola, outras abordagens... outras conclusões. Esta pesquisa é apenas uma entre tantas outras que existem ou estão aí para serem realizadas.

O trabalho de Educação para os Media

“Após a finalização do filme fizemos o lançamento na própria escola, a sala de audiovisual estava com a lotação esgotada e os alunos que haviam participado do projecto muito felizes e orgulhosos daquilo que haviam feito e do projecto que tinham participado.” (Pacheco, Raquel; 2009)

Na primeira fase do trabalho empírico desta investigação, a qual chamaremos de observação descritiva, foram realizadas duas reuniões na escola PM. No momento da primeira reunião, iniciamos nosso principal método de recolha de dados, chamado de material *off-stage*, o Diário de Bordo, baseado no método de pesquisa etnográfica foi a principal “ferramenta” deste trabalho de campo, nos permitindo captar um vasto material durante os momentos que passamos na escola.

Ainda na fase da observação descritiva foi realizado nosso primeiro encontro com os jovens. Utilizamos esta primeira aula para apresentação do projecto ao grupo e apresentação do grupo “ao projecto”. Tanto esta aula, como todas as outras aulas/encontros, foram baseadas, como dissemos anteriormente, no método da pedagogia dialéctica.

A partir da aula de apresentação iniciamos o processo de observação participante. Notas dos diálogos durante a pesquisa, notas das cenas e episódios e recolha de material escrito pelos alunos foram obtidos neste encontro. Estes primeiros encontros foram caracterizados como o início da abordagem, a fase para criarmos vínculos, desenvolvermos a confiança mútua, estabelecermos alianças e analisarmos o território, ou campo da pesquisa.

No segundo encontro com os jovens, ficamos a observar a aula da professora de Cidadania e as atitudes, gestos, reacções e discursos dos alunos, além da dinâmica da turma de uma maneira geral. Recolhemos material fornecido pela professora aos alunos, no formato de texto jornalístico.

O terceiro e quarto encontros com os jovens foi realizar as entrevistas aos próprios jovens. O método utilizado foi entrevistá-los individualmente para conhecermos melhor cada aluno e traçarmos um quadro de caracterização de cada um e da turma como um todo. Impressões e ideias do investigador durante as entrevistas foram utilizadas como modo de complementar aquilo que os entrevistados não diziam com palavras.

Observação focada – segunda fase

Na segunda fase, que chamaremos de observação focada, foram realizados cinco encontros. O primeiro encontro foi a exibição do filme brasileiro *Cidade de Deus*. Após o filme desenvolvemos um debate, como não sentimos a turma à vontade quando nos propomos a gravar o debate, achamos que ainda era cedo para este processo e que qualquer atitude

precipitada poderia comprometer o resultado final do projecto) que utilizou o filme como ponto de partida para que, a partir dele, os próprios alunos se aproximassem cada vez mais das suas realidades e contextos de vida.

No segundo encontro foi exibido o filme português *Zona J*, seguido também por um debate entre os alunos. A proposta para a gravação deste segundo debate teve a adesão de toda a turma de forma natural. Neste encontro, e a pedido da turma exibimos também o documentário brasileiro *Falcão, meninos do tráfico*. Comentamos sobre o filme e os jovens mostraram interesse em visioná-lo. Durante a tarde foi realizada a aula/debate com o realizador do filme *Zona J*, Leonel Vieira, e o áudio foi digitalmente gravado.

No terceiro encontro, realizamos uma entrevista com a professora de Cidadania, e iniciamos a aula aplicando um questionário aos alunos sobre violência. Após todos responderem ao questionário, falamos sobre produção de filme e demos início a pré-produção do vídeo com a formação da equipa de filmagem e as diversas tarefas a realizar.

Com o decorrer do trabalho de investigação-acção percebemos a necessidade de contactos mais longos com a turma. Passamos a utilizar horários de outras aulas/disciplinas e algumas vezes fomos mais de uma vez por semana à escola. Foi exactamente isso que aconteceu com o quarto encontro, o qual não estava planeado no calendário, entrevistamos o professor responsável pelas aulas técnicas e terminamos a distribuição de tarefas na equipa de filmagem.

No quinto encontro, iniciamos a construção do guião para o vídeo e no sexto, o guião foi finalizado. Ressaltamos que o trabalho do guião foi desenvolvido em conjunto por toda a turma, baseado no que havíamos trabalhado-reflectido-pensado-questionado nos encontros anteriores.

Observação selectiva – terceira fase

A terceira fase, que chamamos de observação selectiva, foi a etapa mais prática do projecto, onde estávamos de facto focados para a preparação e realização do vídeo.

Com o passar do tempo, os encontros e todo o processo metodológico utilizado, os alunos encontravam-se mais preparados e “maduros” para falarem sobre questões relacionadas consigo próprios e sobre a juventude da qual fazem parte. Tanto o investigador como os investigados estavam numa fase analítica, onde todo o processo desenvolvido até então (diálogos, problemas e questões) tomava forma e as ideias começavam a surgir juntamente com o desejo da acção efectiva.

A equipa de som e de câmara, juntamente com os realizadores, tiveram duas aulas técnicas (cada equipa) para aprenderem a trabalhar com os respectivos equipamentos. As demais equipas desenvolveram tarefas referentes às suas funções no processo de preparação para as filmagens do vídeo. Nesta altura a investigadora teve o papel de coordenar todas as equipas, preparar equipamentos e obter apoios.

Terminada a pré-produção, foram marcados os dias de filmagem, dois dentro da escola e um em externa, e as entrevistas realizadas feitas através do vídeo, agora não mais pela investigadora, mas pelos alunos/investigados.

Durante todo o processo os alunos construíram seu próprio conhecimento e a etapa de realização do vídeo possibilitou que eles tornassem público e expressassem esse conhecimento, sendo apenas orientados pela investigadora, que ia referindo os passos que precisavam ser dados, mas deixando que, tudo fosse pensado e executado pelos alunos.

As equipas de filmagem foram divididas pelos próprios alunos e cada um escolheu o papel que acreditava encaixar-se melhor, ou que mais lhe agradava. Segue abaixo a divisão das equipas seguida de suas respectivas tarefas:

- Realizadores: dois alunos, que participaram de todas as aulas técnicas, e estavam envolvidos de perto com o trabalho de todas as equipas. Seleccionaram, junto com a equipa de pesquisa de campo, as pessoas que seriam entrevistadas, e fizeram grande parte das perguntas durante as filmagens, coordenando todo o processo.
- Pesquisa de campo: um aluno, que também participou da equipa de som, e que, juntamente com os realizadores seleccionou os entrevistados.
- Equipa de câmara: quatro alunos, que escolheram, junto com os realizadores, os melhores ângulos e enquadramentos de filmagem, além das posições onde colocar a câmara. Operaram a câmara durante os três dias de filmagem e eram os responsáveis por ela.
- Equipa de som e música: três alunos, que escolherem as músicas para o documentário e durante as filmagens foram responsáveis pelo áudio do vídeo (microfones, ruídos, etc.) e cuidaram do som na edição.
- Equipa de produção: cinco alunos, que prepararam as autorizações de imagem, os cartazes de aviso de filmagem, as autorizações na escola e os contactos com o restaurante que iria fornecer o almoço para os dias de filmagem, responsáveis por cafés e águas no set, fotocópias, etc.
- Entrevistadores: dois alunos, responsáveis oficiais por fazerem as perguntas aos entrevistados.
- Edição: um aluno, responsável pela edição e finalização do vídeo. Nesta fase os realizadores também estiveram presentes.

Nossa ideia foi transformar o processo de realização do vídeo o mais próximo possível de um processo profissional, e para isso tentamos assegurar um bom equipamento de filmagem, apoio para almoço, café e água, cobertura mediática (o programa PICA, da RTP2 fez uma espécie de *making of* das filmagens) e principalmente respeitar a autonomia de cada equipa.

Não temos a ilusão de que o resultado final deste vídeo tenha sido o mesmo de uma equipa verdadeiramente profissional, mas temos a esperança que o resultado final seja a colheita de bons frutos, e que, a semente da liberdade, do “poder fazer” (ser capaz) tenha sido plantada e que a auto estima destes jovens contribua para que eles sejam mais cidadãos, questionadores e realizadores dos filmes da sua própria vida.

“Quem edita um vídeo assume para sempre uma posição mais activa e crítica diante da televisão” (Rossetti, 2005:6) e (porquê não?) do cinema.

Bibliografia

- Adorno, Theodor (1998). *Educación para la emancipación*. Madrid: Ediciones Morata.
- Adorno, Theodor e Horkheimer, Max (1985). *Dialéctica do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Buckingham, David e Block, Liesbeth de (2007). Finding a global voice? Migrant children, new media and the limits of empowerment, in Peter Dahlgren, pp. 147-163, *Young Citizens and New Media: Learning for Democratic Participation*. New York: Routledge.
- Carrano, Paulo Cesar Rodrigues (2002). *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPER.
- Carvalho, Maria João Leote e Brites, Maria José (2006). Em torno da condição de jovem: A (re)construção social da juventude in *Infância e Juventude* nº 4/06, p. 9-67.
- Contador, António Concorde (2001). *Cultura Juvenil Negra em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Cooper, Elizabeth (2005). What do we know about out-of-school youths? How participatory action research can work for young refugees in camps. Londres: University of Oxford.
- Fantin, Monica (2007). *A experiência do cinema na escola: fruição, análise e produção com crianças na perspectiva da mídia-educação*. (no prelo) 5ª Sopcom, Braga.
- Fantin, Monica (2005). *Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália*. Florianópolis: Editora Cidade Futura.
- Feilitzen, Von Cecilia e Carlsson, Ulla (orgs.) (2002). *A Criança e a Mídia: imagem, educação, participação*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO.
- Fonseca, Cláudia Chaves (2004). *Os meios de comunicação vão à escola?* Belo Horizonte: Autêntica/ FCH-FUMEC.
- Freire, Paulo (2006). *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez.
- Freire, Paulo (2006). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, Paulo e Guimarães, Sérgio (2001). *Sobre educação: diálogos*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, Paulo e Shor, Ira (2006). *Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gomes, Renato Cordeiro (2005). *Crueldade, Mídia, e Espessura do Espaço Urbano*, in XIV Compós 2005, *Cultura das mídias*, p. 1-13.
- Gonnet, Jacques (2007). *Educação para os Media – As controvérsias fecundas*. Porto: Porto Editora.
- Kirby, Perpetua (2003). *Involving young people in research*, in *Child and Youth Participation: Resource Guide*. UNICEF.
- Lins, Paulo (2004). *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lusvarghi, Luiza (2005). *Cidade de Deus: o realismo e o popular no cinema nacional pós-moderno*, in *Líbero*, ano VIII – nº 15/16 p. 32 – 41.
- Magro, Viviane Melo de Mendonça (2002). *Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop*, in *Cadernos CEDES*, vol.22, no.57, Campinas, agosto/2002.
- McIntyre, Alice (2000). *Constructing Meaning About Violence, School, and Community: Participatory Action Research with Urban Youth*. Fairfield University: Human Sciences Press.
- Orofino, Maria Isabel (2005). *Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade*. São Paulo: Cortez.

- Outeiral, José (2006). A escola é a solução para a violência, in Jornal "O Globo", Revista, ano 2, nº 99, pp 38 e 39, 18/06/06.
- Pais, José Machado (2003). Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Pais, José Machado (coordenação) (1999). Traços e riscos de vida: Uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis. Porto: AMBAR.
- Pastorelli, Ivanéa Maria (2001). Manual de Imprensa e de Mídia e do Estatuto da Criança e do Adolescente . São Paulo: Câmara Brasileira do Livro
- Ponte, Cristina (2005). Crianças em notícia. A construção da infância pelo discurso jornalístico (1970 -2000). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Rossetti, Fernando (2005). Mídia e Escola: Perspectivas para políticas públicas. São Paulo: Edições Jogo de Amarelinha.
- Sampaio, Inês Sílvia Vitorino Sampaio (2000). Televisão, Publicidade e Infância. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará.
- Save the Children (2003). Interviewing Children: A guide for journalists and others. London: Save the Children.
- Soares, Luiz Eduardo e Bill, MV e Athayde, Celso (2005). Cabeça de Porco. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Soares, Rosana de Lima (2005). Comunicación entre culturas: el cine brasileño y los estigmas sociales. Signo y Pensamiento, Bogotá (Colômbia), v. XXIV, n. 46, p. 111-124.
- Ventura, Zuenir (2004). Cidade Partida. São Paulo: Companhia das Letras.